

As sem-razões do amor: uma leitura de *Oficina do vagaroso tempo*, de Glória Azevedo

*The no-reasons of love:
a reading of *Oficina do vagaroso tempo*, by Glória
Azevedo*

Luiza Helena Oliviera da Silva¹

Naiane Vieira dos Reis Silva²

Resumo: Este artigo analisa, sob a perspectiva da semiótica discursiva, o afeto amoroso nos contos da escritora Glória Azevedo, que trabalha e escreve no Tocantins. Objetiva-se discutir como os sujeitos nas narrativas são inscritos, a partir de interações mais ou menos ajustadas, a partir das relações de afeto entre mulheres, foco de todos os textos. Em seu livro *Oficina do vagaroso tempo*, a autora traz uma sequência de narrativas que têm como protagonistas mulheres que vivem os sabores e dissabores do relacionamento amoroso, inscrevendo-se na chamada temática lesbiana na escrita literária. Para a análise, foram mobilizados conceitos da semiótica discursiva, especialmente as categorias relativas à interação, no campo da sociosemiótica, e às paixões, no nível narrativo. Nos percursos de transformação das personagens, o amor é objeto-valor buscado, cujos antissujeitos se inscrevem na ordem social, como tradição e política repressiva. Ao elaborar narrativas literárias cujo amor entre mulheres é

¹ Doutora em Letras pela UFF. Docente do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Desenvolve pesquisas em semiótica. Líder do GESTO - Grupo de Estudos do Sentido. Bolsista do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5886-6809>. E-mail: luiza.to@uft.edu.br

² Doutora em Letras (PPGLIT-UFNT). Docente do curso de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, campus Crateús. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1117-3655>. E-mail: naiane.vieira@ifce.edu.br

Papéis

a temática recorrente, Azevedo apresenta contos nos quais o afeto é uma possibilidade que se realiza.

Palavras-chave: Literatura lésbica; Literatura no Tocantins; Paixões e afetos; Semiótica.

Abstract: *This article analyzes, from the perspective of discursive semiotics, the loving affection in the short tales of the writer Glória Azevedo, who works and writes in Tocantins. The aim is to discuss how the subjects in the narratives are inscribed, based on more or less adjusted interactions, from relationships of affection between women, the focus of all the texts. In her book *Oficina do vagaroso tempo*, the author presents a sequence of narratives whose protagonists are women who experience the flavors and discomforts of romantic relationships, forming part of the so-called lesbian theme in literary writing. For the analysis, concepts from discursive semiotics were mobilized, especially the categories relating to interaction, in the field of sociosemiotics, and passions, at the narrative level. In the characters' journeys of transformation, love is the object-value sought, whose anti-subjects are inscribed in the social order, such as tradition and repressive politics. By producing literary narratives in which love between women is the recurring theme, Azevedo presents short stories in which affection is a possibility that comes true.*

Keywords: *Lesbian literature; Literature in Tocantins; Passions and affections; Semiotics.*

Introdução

Qualquer maneira de amor vale a pena.

Milton Nascimento, *Paula e Beбето*

Amor é a coisa mais alegre

amor é a coisa mais triste

amor é coisa que mais quero.

Por causa dele falo palavras como lanças.

Adélia Prado, *Bagagem*

Não quero juras de amor

Toca-me com teu cheiro, teu calor, tua saliva

Meu corpo é campo vermelho

É carne, é fogo

E o teu coração é abissal.

Glória Azevedo, *Abissal*.

Começamos a conhecer a produção literária de Glória Azevedo por um bom acaso do destino. Ela tornar-se-ia, nos anos terríveis da pandemia da Covid-19, aluna de uma das disciplinas de semiótica no Programa de Pós-

Papéis

graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT-UFNT), ofertada *on-line*. Orientada do professor Márcio Melo, escrevia sua tese e, pelas necessidades regimentais de uma avaliação denominada como qualificação de linha, deveria cursar uma disciplina e produzir um artigo em outra linha que não a sua, de literatura. Veio, então, para a semiótica que, naquele momento, se dedicava a uma discussão interdisciplinar aplicada a produções da literatura de testemunho. Como docente de literatura, sua presença era preciosa naquele momento, colaborando conosco para as reflexões que ali ensaiávamos. Fizemos do limão dos anos tristes de pandemia, com ataques sistemáticos à ciência e à universidade, temor ditatorial, genocídio, uma limonada ou uma caipirinha, servindo nossos encontros como uma espécie de lócus virtual de resistência, de que participavam ainda o professor César Figueiredo, da Ciência Política, o doutorando Coutinho, docente de literatura na UFMA, Naiane Reis, egressa do PPGLLIT, morando então no Maranhão, e alunos de nosso grupo de pesquisa, o GESTO. Cada qual em seu restrito território, limitado o trânsito pelas interdições da doença que foi ceifando milhares de brasileiros, construíamos um espaço de interlocução e de produção de conhecimento, uma rede que nos abrigou e protegeu do risco da falta (ou do excedente) de sentido daquele momento.

Buscávamos inicialmente produções literárias de autores do Norte que tematizaram em seus livros a ditadura civil-militar de 1964-1985 e mais especificamente a Guerrilha do Araguaia (1972-1974), considerando as resistências e os movimentos opressivos do

Estado na Amazônia brasileira. Partíamos do pressuposto de que não encontraríamos, no caso do Araguaia, uma literatura propriamente compreendida como a do testemunho, porque os sujeitos diretamente implicados e sobreviventes não escreveram livros, não deixaram registros em diários, não enviaram cartas, não espalharam rastros, o que em muito favoreceu os interesses do Estado em apagar a memória do acontecimento, estratégia que serviria para construção de narrativas que favorecessem a memória oficial produzida pelos militares e apoiadores do golpe militar contra a democracia brasileira. No entanto, considerando a diversidade da literatura

Papéis

produzida, sobretudo a partir dos anos 2000, que de algum modo ecoasse os Anos de Chumbo, observamos como o Estado de exceção, com múltiplos empreendimentos, operou certa descontinuidade no Norte, de modo a interpelar os sentidos que passam a circular na região, sobretudo a partir da década de 1970.

Nesse momento em que tentávamos sistematizar algumas primeiras conclusões, Glória Azevedo informou-nos que abordara a ditadura em um de seus livros, *Oficina do vagaroso tempo* (2018), no conto *A casa de Isa e Jô*. Desde então, nosso intuito era escrever sobre o conto, mas há muito mais do que uma discussão de natureza política a nos guiar na leitura dos contos de Azevedo.

Assim como o título, apropriação de um dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, as epígrafes já dão pistas dos caminhos que nos guiam nesta leitura da escritura de Azevedo: é um livro que fala de amor, que insiste do começo ao fim na temática amorosa e que fala do amor entre mulheres. Como nos versos de Adélia Prado, que a autora cita, ao lado de muitas citações literárias que atravessam os contos, denunciando sua condição de professora e pesquisadora da literatura, é o amor a coisa mais alegre, é o amor a coisa mais triste, pois “tão contrário a si é mesmo o amor”, como já anunciava Camões, e é precisa e enfaticamente o amor que vai constituindo uma insistência temática do começo ao fim, cada conto traduzindo-o a partir de peripécias distintas que tratam de relações de união e separação. Em perspectiva semiótica, os dois termos correspondem, respectivamente, à conjunção e à disjunção, sempre o amor tomado como objeto-valor, como objeto que define os destinos de cada qual, que move as sujeitas das narrativas para a sorte que lhes cabe. Falaremos, pois, do amor, que pode, inclusive, sofrer as interdições de ordem totalitária.

Mobilizamos como fundamentos para nossa leitura a semiótica discursiva, em termos bastante gerais, compreendida como teoria da significação. As categorias de análise serão apresentadas ao longo do texto e as indicações do rumo das discussões orientam-se a partir das três epígrafes:

Papéis

o silenciamentos sobre o amor entre mulheres, a temática do amor e suas sem-(des)razões e abismos.

1 Em linhas gerais

Glória Azevedo é natural da Paraíba e reside no Tocantins desde 1999, quando se tornou professora de literatura na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). Em 2003, ingressa como docente na Universidade Federal do Tocantins (UFT), atuando, desde então, no curso de Letras de Porto Nacional (TO). Em 2022, concluiu tese de doutorado sobre literatura lésbica (Azevedo, 2023). Desenvolve pesquisas sobre identidades periféricas, gênero e feminismo, literatura de temática lesbiana, com atenção especial dedicada às produções da escritora Cassandra Rios. Como poeta, publicou *Abissal* (Azevedo, 2020), além de ter participação em antologias.

Oficina do vagaroso tempo é uma coletânea que contém 16 contos. O título do livro é também o título de um dos contos ali reunidos, o mais longo e o único no qual a autora flerta com o surreal. Nele, a personagem Carolina, atendente de loja de departamentos, vive uma vida banal, seguindo um ritmo monótono e desinteressante, à espera de um acontecimento surpreendente que a lançasse em uma outra vida: “Talvez esse fosse o problema de Carolina: nada lhe interessava, nada lhe absorvia, ninguém lhe era importante. Carolina vivia aguardando a grata surpresa, nem sempre realizada, do que vem depois do se” (Azevedo, 2018, p. 25). As negações trazidas pelos pronomes indefinidos “ninguém” e “nada” evidenciam o sem-sentido dessa vida programada e insípida; a repetição, mesmo quando gramaticalmente indevida, do pronome “lhe” corrobora, pela estrutura sintática, sua situação de não-sujeito diante de seu cotidiano, passiva, o que lembra uma outra Carolina, a da canção de Chico Buarque (1967), na janela, vendo o tempo passar, até que seja tarde demais: “Eu bem que mostrei a ela / o tempo passou na janela / Só Carolina não viu”.

A Carolina de Azevedo, que também não se coloca como dona de seu destino, apresentada inicialmente como quem apenas se deixa levar, é

Papéis

surpreendida pelo amor inusitado, vivenciado a partir de instantes em que adentra uma espécie de portal do tempo. Nessa realidade outra, que atravessa inesperadamente sua vida sem sentido, a personagem vive momentos em que vai se deixando seduzir e encantar por uma mulher misteriosa, Valentina Valentin. Na descontinuidade completa com o tempo, o espaço e as relações dessemantizadas, a protagonista rompe com a rotina do ordinário e inscreve-se na sensibilidade plena do fantástico, em processo conjunção total com o sentir do outro, sua amante Valentina.

Para tratar das relações bastante ritualizadas, mas informadas por uma motivação quase que esquecida – apenas lembrada quando é inquirido o sujeito (por que você fez isso?) – Landowski (2014) trata da programação manipulada ou manipulação programada. Sabendo ser um comportamento motivado, isto é, cujo fazer do sujeito é provocado por um destinador, as ações ganham verniz de ritual, porque inseridas em uma tradição, em uma crença, sendo que continuam passíveis de questionamento pelo sujeito. Nesse sentido, ainda que revestido de uma programação pela prática tradicional, um acordo inicial pode ser renegociado, até mesmo abandonado, a partir da postura do sujeito diante dos valores com os quais busca entrar em conjunção.

Esse processo, entre outros, abordado no conto *Oficina do vagaroso tempo*, evidencia-se pelo conflito inicial da protagonista no seu (re)encontro com a parceira amorosa: “O beijo era cheio de saudade, um reconhecimento de algo que Carolina não sabia o que era. Ela quis sair do beijo, gritar que não era lésbica, mas, ao invés disso, abriu sua boca para que uma língua quente, aveludada e atrevida invadisse a sua” (Azevedo, 2018, p. 28). Inserida em um cotidiano de trabalho, estudos e vivência social quase sem sentido, a comunhão amorosa total chega à personagem também embalada de certo conflito (“quis [...] gritar que não era lésbica”), informado por uma pretensa orientação sexual que antagonizava com os afetos despertados de um querer-sentir profundo. Mesmo sem experiências amorosas prévias, há aí, mas também em outros contos, uma adesão à tradição heteronormativa que pré-define uma orientação sexual para todos os sujeitos, o que pode levar alguns, pelo contrato firmado pela tradição (sou assim porque todo mundo assim o é),

Papéis

a uma vida sem sentido e sem afetos. Embora tal problemática não apareça como central nas narrativas literárias de Azevedo, ao tratar do afeto e das relações amorosas entre mulheres, há nos textos esses indícios de que, em uma sociedade tradicionalmente heteronormativa, há uma programação manipulada do comportamento amoroso que limita as sensibilidades e o agir do sujeito.

É ali que possivelmente emergja o maior erotismo das histórias de Azevedo, caracterizado por cenas nas quais se apresenta uma assimetria de papéis actanciais: é Valentina quem assume o papel de destinadora (a que /faz ser/) e doadora de competências (/fazer saber/). É Valentina a que sabe e se põe a doar saberes a uma inocente Carolina: sabe dos segredos do portal, do passado de outras vidas em que viveram juntas histórias de amor de final infeliz, dos segredos do corpo, do desejo e do amor. Os segredos revelam-se, as experiências de amor e desejo intensificam-se, e Carolina, então, entrega-se a seu destino: uma história de amor que atravessara o tempo, vagaroso demais diante de tanta urgência, como nos versos de Camões para a história de Jacob e Raquel, que serão recitados em outro conto: “se não fora pra tão longo amor tão curta a vida”. Se é o amor o mote de todos os textos, é mais precisamente nesse conto que o amor é capaz de também ludibriar a separação da morte.

Dedicada à sua oficina de criar textos que falam de amor de mulheres, o tempo parece para Azevedo vagaroso demais, dada a secular interdição que incide sobre modos de viver o afeto e o desejo. Assim, parece soar mais “natural” e verossímil a narrativa que leva ao fiasco da relação, sendo surpreendente, apressada, idealizada demais aquela que aponte para a conjunção, o final feliz, o apaziguamento advindo da derradeira comunhão.

Em termos semióticos, considerando uma sintaxe narrativa, reconhecemos uma estrutura mínima, na diversidade de textos, de extensão, estilo, personagens, histórias. Há sempre um par feminino na posição de protagonistas e essas duas figuras estão ambas dispostas à experiência do amor, objeto-valor com o qual as duas personagens entrarão em conjunção. Essa conjunção, contudo, pode ser provisória, não perfeita, sem um “felizes para sempre”, uma delas ao menos restando “cá na terra sempre triste”.

Papéis

No primeiro conto, *Uma vida dividida*, o final é o das histórias felizes. Ema Ramirez é uma mulher casada, com filhos, chefe de departamentos. Como a Carolina, do outro conto, encontrava-se presa à rotina dos dias, ao cuidado dos filhos, à atenção ao marido. Nesse conto em primeira pessoa, a narradora assim se apresenta nesse tempo de então, anterior ao do momento da enunciação:

Eu era uma mulher morta, preocupada em arrastar meu cadáver bem cuidado pelo andar da fábrica Amarante Tecidos. Eu era uma mulher morta porque eu não sabia ou não queria viver. Estávamos no ano de mil novecentos e noventa e cinco, eu tinha trinta e oito anos, um marido, dois filhos, uma gata e dois cães (Azevedo, 2018, p. 13).

Diferentemente de Carolina, que se transforma por ação de uma outra pessoa, Ema (referência literária a Madame Bovary, de Flaubert?), em uma “manhã normal”, igual a todas as outras, resolve romper com a cotidianidade e ficar em casa, sozinha, em vez de ir ao trabalho e acompanhar os filhos à escola. A partir dessa ruptura elementar com a previsibilidade dos arranjos domésticos, inicia um contínuo processo de transformação. Corta os cabelos, modifica o guarda-roupa, assume aos poucos uma nova identidade, a que estivera escondida por décadas sob o corpo feminino e na sua performance de mãe de família burguesa, cumprindo o que a narradora definiria como “programação”. Não há, propriamente, um acontecimento que marque a emergência dessa ruptura que leva a tamanha transformação, mas desata-se o que parece ser o excedente de uma programação que apagava a personagem a ponto de levá-la ao limite do desempenho de um papel que não suportava mais cumprir. Ema, por fim, separa-se do esposo, sai de casa, encontra um novo amor, o de Carmen. Torna-se, então, Noah:

Hoje tenho pouco mais de sessenta anos, sou um homem maduro, sereno. Visito meus pais, já velhinhos, convivo com minha irmã e meu irmão e suas famílias em algumas datas importantes. Sim. Sou casado. Minha mulher se chama Carmem e temos mais dois filhos (Azevedo, 2018, p. 23).

O conto dedica-se a falar do processo de transformação de Ema em Noah, tratando do modo como foi se reconstituindo como outra pessoa, com

Papéis

outra identidade de gênero. Ema, porém, que representaria uma espécie de polo feminino, não desaparece por completo na nova identidade e, conforme o narrador revela, é, por fim, liberta ou é quem corajosamente liberta o Noah aprisionado.

Dessa conjunção com o amor de Carmen o conto bem pouco revela além do que se enuncia nesse último parágrafo aqui citado. Azevedo privilegia, pois, o processo de transformação, narrando a passagem de uma continuidade infeliz, aquela da vida programada de Ema, a uma ruptura com a tomada de posição em que assume sua condição de destinadora da própria vida. A partir daí, uma outra identidade começa a emergir, pacificada ante a realização de sua vocação, aquela de Noah.

De acordo com as categorizações elaboradas por Eric Landowski (2014) a propósito dos regimes de interação entre sujeitos (ou entre sujeitos e objetos), a programação diz respeito ao regime da maior previsibilidade, de menor risco, e, por isso mesmo, correspondendo à dessensibilização e falta de sentido (anestesia). Nele, não se tem propriamente um sujeito, mas um ator reduzido ao papel de operador, repetindo, no sem sentido das ações previsíveis, aquilo que foi programado para ser realizado. Essa modalidade de interação está prevista principalmente para o funcionamento de máquinas, programadas para funcionar de um ou outro modo, mas pode, metaforicamente, servir para avaliar o grau de previsibilidade de ações de um sujeito estabelecido não pelo /querer/, mas por um /dever fazer/ naturalizado pela ordem das coisas.

Nessa naturalização, o destinador, que pode ser a ordem social, a cultura etc., é obscurecido, não reconhecível diretamente pelo sujeito destinatário, que é levado apenas a reconhecer que se faz assim porque sempre se fez assim e sempre será assim, produzindo uma forma de vida imediatamente reconhecível. No caso de Ema, esta conformava-se ao papel temático que seria atribuído à “mãe de família” tradicional, com os estereótipos implicados e, para ela, levados às últimas consequências. É o excedente de uma submissão que faz com que rompa com sua condição de “operadora” e passe a assumir o de destinadora de sua própria narrativa.

Papéis

Os conflitos familiares são resolvidos, o marido inconformado e na posição de oponente cruel é vencido, tudo se encaminha para a tranquilidade da velhice de um avô bem-querido. Mas o amor nem sempre é a coisa mais alegre. É também a coisa mais triste, e essa idealização amorosa que traduz um “para sempre” desses dois contos não se repete em todos os demais. Trataremos disso mais adiante.

2 Amor entre silêncios

Iniciando estudos mais sistemáticos sobre a literatura produzida por autores que residem no Norte, observamos lacunas críticas em relação à produção literária do Tocantins. É certo que os pesquisadores dão atenção a autores de maior prestígio, mais amplamente lidos no cenário nacional, mas mesmo os grupos acadêmicos organizam-se ignorando os próprios pesquisadores do Tocantins quando se propõem a discutir a literatura “do Norte”. O Tocantins, desmembrado da região Centro-Oeste por uma estratégia política por ocasião de sua criação como estado, ainda não parece incorporado ao imaginário do que é o Norte. Assim, se não é mais Goiás, também não é a Amazônia. Em termos semióticos, mobilizando as relações lógicas do quadrado semiótico (Greimas; Courtés, 2008, p. 404), o Tocantins seria, neste momento, do ponto de vista dos discursos que afloram aqui e ali, constituído, no eixo dos “subcontrários”, como “termo neutro”, composto pela tensão entre duas negações - nem isso, nem aquilo, nem Goiás, nem Norte -, o que acentua ainda uma constituição pela falta (identidade conferida por uma dupla negação).

Com relação à recepção dessa produção, temos como consequência, portanto, ainda muitos silêncios. Nesse sentido, movemo-nos, aqui, nesse espaço de silêncios, fazendo ruídos, considerando ainda outros silêncios, como o que diz respeito a produções literárias de mulheres, e mais particularmente as de escritoras brasileiras que tematizam a lesbianidade.

Quando metade do país se alinha a uma perspectiva política de viés conservador e que se confunde tantas vezes com o próprio fascismo, assumido

Papéis

inclusive com orgulho e ostentação, uma literatura que trata de amor entre mulheres pode condenar a autora à fogueira, caso sua produção ganhe notoriedade. Veja-se o rebuliço atual quando o Congresso Nacional mais uma vez retoma a questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo, com desprezo ao viés constitucional em nome de uma suposta pauta moral, ignorando verdadeiras imoralidades como as que advêm do genocídio indígena, da ausência de reforma agrária, do desmatamento, da perda de direitos dos trabalhadores, da persistência da fome, da farra com verbas públicas por deputados com suas “emendas PIX” (Emenda..., 2023, p. A12)³. Se “toda maneira de amor vale a pena”, conforme os versos da canção *Paula e Beбето*, nem toda forma de amor pode ser enunciada sem riscos. Do mesmo modo, não é toda literatura que pode entrar na escola, como vimos recentemente com casos de repercussão nacional (a exemplo da censura em torno do romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório⁴), incluindo o que envolveu o romance de JJLeandro em Araguaína-TO, *A morte no bordado*, com enorme estardalhaço em pleno feriado de Semana Santa, quando um movimento conservador de pais de estudantes de uma escola pública da cidade de Araguaína⁵ tentou barrar a abordagem didática da obra sob a alegação de que eram tratados temas impróprios à moral sexual dominante (falaria sobre traição conjugal).

Do ponto de vista da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), toda discussão diretamente relacionada a gênero foi interdita no currículo escolar, tendo em vista a ausência de menção a qualquer termo desse campo semântico. Sobraram as muitas referências a gêneros textuais e discursivos, mas não os que envolvem a sexualidade humana. Substantivos como tolerância e respeito à diversidade têm presença discretíssima, em habilidades

³ Conforme matéria do Estado de São Paulo, esse tipo de repasse dispensa prestação de contas e, em termos numéricos, ultrapassa os repasses a uma pasta como a da Saúde. Em 2023, esse valor chegou a R\$ 6,4 bilhões, enquanto a verba destinada à Saúde foi de R\$ 5,72 bilhões.

⁴ O romance começou a sofrer uma campanha de boicote, a despeito de uma prévia avaliação e aprovação por parte do PNLD-Literário. Informações disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml> (Acesso em: 14 maio 2024).

⁵ Informações disponíveis em <https://afnoticias.com.br/estado/pais-de-alunos-tentam-censurar-livro-de-autor-tocantinense-por-falar-sobre-traicao-em-araguaina> (Acesso em: 14 maio 2024).

Papéis

relacionadas a Ciências Humanas e Sociais, enquanto a sexualidade é questão de ensino apenas na disciplina de Ciências Naturais. Nos planos de educação, essa lacuna também se fez presente, por força de mobilizações por parte de gente dita conservadora.

Entre tantos silenciamentos e interdições, que papel pode desempenhar a produção de Azevedo? E qual é o nosso, como formadores de leitor(a)s e de professore(a)s?

3 Do amor e seus abismos

Pondo atenção nas reiteraões, pensamos que, nos contos de Azevedo, o que pode pôr fim ao amor é o próprio amor, vivido nos limites de sua (im)perfeição. Não há outro que possa estar à altura no papel de antagonista, anti-sujeito, oponente, e venha a pôr em risco o amor mesmo. Só este pode revelar-se como a coisa mais alegre e/ou a mais triste. É o amor, enfim, que, tornado paixão, alimenta o estado de alma dos sujeitos, apenas ele capaz de impor (des)caminhos, arrastando para seus abismos.

Mesmo em um conto de natureza fictícia como *A casa de Isa e Jô*, que trata da morte da amante jornalista Joana Martins por agentes da ditadura (1964-1985), o amor persiste, sem se deixar substituir por outras aventuras. Vinte anos após o “desaparecimento”, Isabela, uma repórter-fotográfica, parceira de trabalho e companheira de Joana, encontra finalmente informações militares sobre sua amada em uma pasta. Com frases nominais, sintéticas e que resumem a perspectiva dos condenados pela ditadura, lê: “*Joana Martins. Repórter e editora do jornal Libertário. Elemento subalterno e perigoso para a ordem da nação. Arquivada em...*” (Azevedo, 2018, p. 103, itálico da autora). A foto 3x4, incapaz de explorar o “ângulo poético” das cenas como Isabela sabia fazer, é pouco demais para registrar o que fora Joana. Apesar disso, Isabela reencontra naquela pasta com registros parcos que testemunham um crime a razão de longa espera, a presença de “sua” Joana, e, por isso mesmo, pode, então, seguir: “Depois de tanto tempo, ela encontra Joana” (Azevedo, 2018, p. 103). Quem pode, pois, dar fim ao amor senão o próprio amor, exaurido de si mesmo, como tematiza com humor no conto *Dez coisas que o amor diz? Os*

Papéis

milicos roubaram a vida de Joana, mas seriam incapazes de ameaçar sua condição de sujeito que viveu o amor.

Considerando a perspectiva formulada pelo semiótico Jean-Claude Coquet, a paixão transforma o sujeito em não-sujeito, porque este abandona-se ao puro sentir, incapaz de resistir na razão:

Quando se reporta ao não-sujeito, ela tende ao excesso, ao passo que, quando se reporta ao sujeito, mantém-se na *justa medida*. A primeira instância experimenta gozo e sofrimento; a segunda, euforia e disforia. De uma e outra, os modos de sentir são totalmente diferentes (Coquet, 2013, p. 21).

A primeira instância, pois, a do não-sujeito, é a do predomínio da paixão. Sem condições de avaliar e ponderar, de orientar-se pelo saber/conhecer, deixa-se conduzir pelo estado de alma que avança sobre sua condição de sujeito e o compromete. A paixão pode ser, pois, o abismo no qual o sujeito se lança, muitas vezes pela vontade, conforme assinala Denis Bertrand nas cartas da religiosa portuguesa (Bertrand, 2003).

Ainda conforme Coquet, “O sujeito tem, por definição, o domínio do sentido, mas ele não está sempre, a todo momento, em todos os lugares, em condições de fazer saber que ele é o senhor” (Coquet, 2013, p. 18). Nos textos de Azevedo encontramos, então, duas situações em que o sujeito cede lugar ao não-sujeito: na programação, a que vivia a personagem Ema, cuja dessemantização da vida a conduz a um percurso quase de um autômato; a paixão, em contos nos quais o sujeito se deixa arrebatado e levar pelas delícias do corpo e da desrazão.

Um exemplo encontramos no conto *Dez coisas que o amor diz*, no qual um narrador exasperado vai dando amostras de sua descompostura, reclamando dos efeitos do amor. Como vemos no título, não é o amante quem diz, mas o próprio amor, movendo-se ele no sujeito, atordoado e resmungão. Em vez de resistir aos efeitos, a sujeita apaixonada busca intensificá-lo, como quem segue em direção ao grande abismo, em entrega total à paixão do amor:

Fui ler poesia, porque, como diz meu irmão, “desgraça só presta se for muita”. Como tenho alma hiperbólica, enchi a taça até a borda, já que *finesse* nem sempre faz parte do convívio das almas solitárias, e resolvi dialogar com

Papéis

Camões. Ele, logo de cara, me diz: “De amor escrevo, de amor trato e vivo”. Assim não dá, *mon ami* (ah, a intimidade causada pelo calor etílico!), você trata da coragem lusitana, do gigante Adamastor, de Vasco da Gama e do caminho para as Índias, deixe que do amor eterno e dos olhos da Amada trate eu! (Azevedo, 2018, p. 133).

O narrador-personagem, esse que fala em primeira pessoa, ainda se encontra, na condição de escolher “ler poesia” e encher “a taça [de vinho] até a borda”, como sujeito, mas acena para a vontade de perder-se, efeito de entrega ao não-sujeito. O amor precisa ser vivido, assim, no deslimite e na desrazão.

Em *Regimes de espaço*, Landowski fala de diferentes formas de interação do sujeito com o espaço, sendo um deles o do abismo, equivalente ao do regime do acidente e sua dimensão inesperada. Pela metáfora, Landowski alude ao abismo como o irrepresentável, sem começo nem fim, descontinuidade absoluta para a qual o sujeito não consegue dar sentido, impactado pelo que lhe escapa. Na estrutura que apresenta, o abismo seria antagônico ao do espaço do tecido, correspondente ao regime da programação e sua absoluta continuidade. Acidente/abismo e programação/tecido são dois modos de não ser sujeito. No caso do conto em questão, a sujeita tem o abismo como objeto-valor, o abismo como desejável, fórmula de uma entrega absoluta, chegando lá pelo álcool e pela literatura que fala do amor, não a poesia épica (do gigante Adamastor), mas a lírica.

Nos contos de Azevedo, o amor é o que livra da opressão da programação, do tecido já constituído, do desenho já pronto, do texto já formulado, do papel social/temático. Pode resultar em calma, de mãos que se entrelaçam para seguirem em plenitude sem atropelos, mas pode lançar o sujeito no desvario, na miséria, no abandono, no abismo, por uma busca incessante no tempo e no espaço pelo outro, com quem deseja novamente entrar em conjunção com o amor ou o desejo.

No poema em epígrafe, que dá título ao livro *Abissal*, o que espera o eu lírico é o amor que resulta no encontro de corpos, puro desejo. Nada de juras, nada de verbo. O verbo no imperativo define o desejo inscrito no corpo: “Toca-

Papéis

me com teu cheiro, teu calor, tua saliva / Meu corpo é campo vermelho / É carne, é fogo / E o teu coração é abissal” (Azevedo, 2020, p. 56). É no corpo que agem as paixões, abrindo-se ao que Bertrand chama de “supremas delícias do não-sujeito” (Bertrand, 2003). Cada entrega de uma personagem à outra traduz o instante breve da perfeita comunhão, no ajustamento de almas e corpos. E o amor, nas suas delicadezas, traduz-se, como a autora repete nos textos, na cor azul.

O azul é o céu, mas também o céu é o abismo. O amor é a coisa mais alegre. O amor é a coisa mais triste. Mas “Que pode o ser sozinho, em rotação universal, senão rodar também e amar?”, como indaga um dos versos de Drummond (Drummond, 1985, p. 262). Insignificantes como seres no cosmos (ou no caos), o amor pode ser, enfim, a derradeira resistência no sentido.

Considerações finais

Na breve análise dos contos que compõem a coletânea *Oficina do vagaroso tempo*, de Glória Azevedo, selecionamos a persistência do amor, do amor de mulheres por mulheres, traço recorrente nas narrativas apresentadas. Se selecionar a isotopia da lesbianidade é relevante para considerar a natureza própria dessa literatura, que trata do afeto e das relações lésbicas, de maneira mais ampla, nos textos literários, são as interações próprias dos/as sujeitos/as em conjunção com o objeto-valor amor que se destacam nos contos e na nossa discussão.

Para tanto, mobilizamos contribuições da teoria semiótica para a análise das interações, com foco na sociossemiótica de Eric Landowski (2014), considerando também, nessa abordagem, a modalização dos sujeitos em suas configurações passionais. É um /querer-ser/, /querer-fazer/, /querer-saber/ e sentir profundo, intenso, duradouro ou breve, buscado longamente ou fortuito, o que caracteriza tais afetos e estados passionais.

Ao apresentar em dezesseis (16) contos a persistência do amor entre mulheres, advindo como acontecimento, marcante e profundo pelo sentido-sentido, Azevedo oferece ao leitor e à leitora a oportunidade de ser embalado, a partir de diferentes estratégias narrativas, por uma literatura que trata dos

Papéis

afetos tão humanos. Em narrativas que apresentam a transformação da sujeita na busca e/ou na conjunção com o objeto-valor amor, diferentes temporalidades, espaços e configurações sociais apresentam-se ora com adjuvantes, antissujeitos, ora como destinadores, configurando diferentes performances nos contos. É nessas buscas e nas transformações, a partir de um projeto estético arrojado e coerente, que as personagens e narradoras/es enredam histórias sedutoras a quem lê.

Referências

- ANDRADE, C. D. **Corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANDRADE, C. D. **Nova reunião**: 19 livros de poesia. v. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- AZEVEDO, G. **Oficina do vagaroso tempo**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.
- AZEVEDO, G. **Abissal**. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.
- AZEVEDO, M. G. C. **A literatura de temática lésbica como território assombrado**: leitura, literatura e ensino. São Paulo: Dialética, 2023.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- BUARQUE, C. **Carolina**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45122/>. Acesso em: 17 out. 2023.
- CAMÕES, L. V. **Sonetos**, de Luís Camões. S/d. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf> Acesso em: 23 jan. 2024.
- COQUET, J-C. **A busca do sentido**: a linguagem em questão. Trad. Dilson Ferreira Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- EMENDA sem transparência tem mais verba e supera recursos para a saúde. **Estado de São Paulo**, São Paulo, ano 144, n. 47482, p. A12, 18 out. 2023.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2008 [1993].

Papéis

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação de Letras e Cores/CPS, 2014.

LANDOWSKI, E. Regimes do espaço. **Galáxia**, São Paulo, Online, n. 29, p. 10-27, 2015.

Recebido em: 10-02-2024

Aprovado em: 30-03-2024